

UM
MENINO
EM UM
MILHÃO

MONICA
WOOD



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para
Joe Sirois,
que completou nossa família,
e
Gail Hochman,
que completou a jornada.

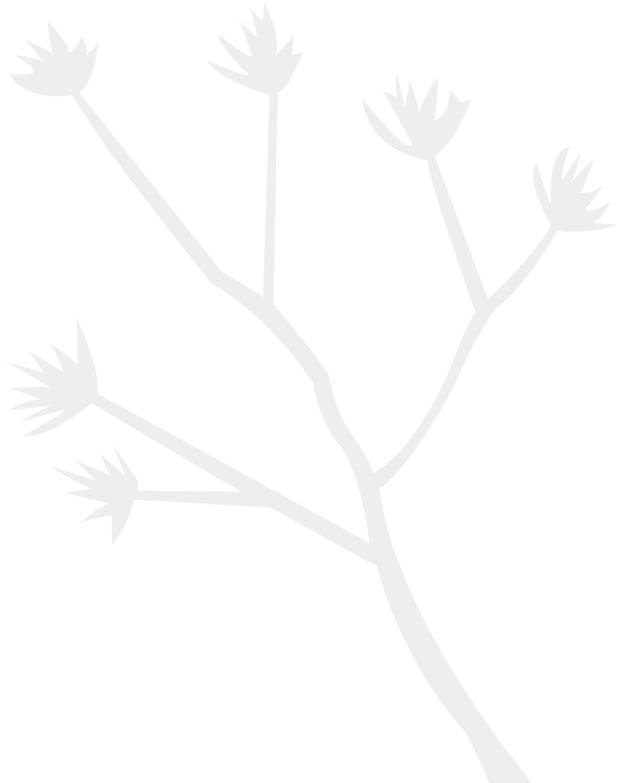
NOTA DA AUTORA

Um menino em um milhão inclui listas de recordes mundiais, a maioria compilada de diferentes edições do Livro Guinness dos Recordes. A não ser por quatro exceções óbvias, os nomes e os fatos são reais e estão registrados publicamente. No entanto, assim como a marca Guinness, eu os usei aqui para colorir um mundo que existe apenas na minha imaginação. Alguns dos recordes provavelmente já terão sido quebrados quando este livro for publicado. Como fonte de pesquisa também foi consultado o site do Gerontology Research Group, uma instituição que mantém o registro das pessoas mais idosas do mundo. O músico David Crosby faz uma rápida passagem pela história; ele é real, mas o contexto é ficcional.



PARTE UM

Brolis (Irmão)





Esta é a Srta. Ona Vitkus. E esta é a história da sua vida. Esta é a Parte Um.

Já está ligado?

...

Eu não tenho como responder a todas essas perguntas. Vamos ficar aqui pra sempre.

...

Vou responder à primeira e pronto.

...

Nasci na Lituânia. No ano de 1900. Não me lembro direito do lugar. Tenho a vaga lembrança de... de uns animais de fazenda. Um cavalo, ou algum outro bicho grande. Branco e malhado.

...

Talvez uma vaca.

...

Não faço a menor ideia do tipo de vaca que vive na Lituânia. Mas acho que lembro... Sabe aquelas vaquinhas leiteiras malhadas que a gente vê em todo lugar?

...

Vacas holandesas. Isso mesmo, obrigada. Ah, e as cerejeiras. Lindas cerejeiras que na primavera pareciam espuma de sabão. Grandes, espumosas e floridas.

...

Depois veio uma longa viagem transatlântica de navio. Lembro-me de algumas partes. Você tem um milhão de perguntas nessa folha aí.

...

Cinquenta, sim. Tudo bem. Você não precisa segui-las na ordem, é só isso que estou dizendo.

...

Porque a história da vida da gente nunca começa no começo. Será que não ensinam nada pra vocês na escola?



Capítulo

1



Ela estava esperando por ele – ou por alguém – apesar de ele não ter telefonado para avisar que viria.

– Cadê o menino? – perguntou ela da varanda, imediatamente.

– Não pôde vir – disse ele. – Você é a Sra. Vitkus?

Estava indo repor o alpiste dos comedouros, retirar o lixo e dedicar sessenta minutos do seu tempo aos cuidados da propriedade dela. Era o mínimo que podia fazer.

A Sra. Vitkus o encarou com um olhar irritado, o rosto parecendo uma maçã passada, totalmente isento de cor se não fosse pelo verde dos olhos luminosos e desconcertantes.

– Meus passarinhos ficaram com fome – disse. – Não consigo subir na escada.

Sua voz rascante lembrava cacos de vidro.

– Sra. Ona Vitkus? Sibley Avenue, 42?

Ele conferiu o endereço outra vez. Tinha atravessado a cidade em dois ônibus para chegar até ali. A casa verde de madeira ficava no fim de uma rua arborizada, sem saída, próxima a um bosque e a uma trilha. A dois quarteirões havia uma grande loja de materiais de construção. Sentado na entrada da garagem, Quinn podia ouvir tanto os passarinhos quanto os veículos que passavam.

– Não é “senhora”, é “senhorita” – corrigiu ela, com arrogância.

Quinn notou o esmaecido traço de um sotaque. O menino não o havia mencionado. Ela devia ter chegado aos Estados Unidos no século passado, cambaleando por Ellis Island em meio à massa de gente.

– Semana passada ele também não apareceu – acrescentou ela. – Essa molecada nunca termina o que começa.

– Não há nada que eu possa fazer – disse Quinn, com cautela.

Esperava ser recepcionado por uma simpática velhinha de bochechas rosadas, mas a casa parecia a choupana de uma bruxa, com seus jardins sombrios, suas janelas angulosas e suas telhas cor de palha.

– Deviam ensinar esses meninos a serem obedientes. A estarem alertas, a serem gentis e obedientes... Gentis e obedientes e...

Ela deu um tapinha na própria testa.

– Asseados – sugeriu Quinn.

O menino se fora para sempre, asseado ou não. Mas Quinn não teve coragem de contar à velha.

– Asseados e respeitosos – prosseguiu ela. – É o que eles prometem. Está no juramento. Pensei que ele fosse confiável.

Mais um eco fraco do sotaque: um peso maior nas consoantes, quase imperceptível para um ouvido desatento.

– Sou o pai dele – contou Quinn.

– Foi o que imaginei.

Ela se ajeitou dentro do casaco. Também estava usando um gorro com pompons, embora nem estivesse tão frio naquele fim de maio e o sol brilhasse no céu.

– Ele está doente?

– Não – disse Quinn. – Onde fica o alpiste dos passarinhos?

A velha estremeceu. As canelas embrulhadas num par de meias grossas lembravam dois cabos de enxada espetados nos sapatinhos pretos.

– No galpão lá dos fundos – respondeu ela. – Do lado da porta, a menos que o menino tenha mudado de lugar. Ele é cheio de manias. Também tem uma escada lá. Mas você é alto, talvez nem precise dela.

Em seguida olhou Quinn de cima a baixo, como se avaliasse suas roupas.

– Se eu baixasse as garrafas – sugeriu ele –, a senhora ia conseguir trocar o alpiste.

Ela colocou as mãos fechadas na cintura. Subitamente magoada, disse, com a voz embargada:

– Estou um bocado chateada com tudo isso.

Foi o que bastou para que Quinn acelerasse o passo.

– Deixe eu me adiantar.

– Vou esperar lá dentro – disse a velha, apontando o dedo esquelético na direção da porta. – Consigo ficar de olho em você da janela.

A firmeza e a indignação com que falava não combinavam em nada com a fragilidade de seu corpo, e pela primeira vez Quinn duvidou que Ona Vitkus tivesse 104 anos, como Belle lhe dissera. Desde a morte do menino, a percepção de Belle andava meio enevoada. Quinn estava assombrado com sua tristeza, intimidado pela forma como o sentimento a alterava. Queria salvá-la, mas não era hábil nas relações interpessoais mais complicadas que a obediência como forma de reparação. Era por isso que estava ali, sob as ordens de sua (por duas vezes) ex-mulher, levando a cabo a boa ação iniciada pelo filho.

As portas duplas do galpão se abriram com facilidade; ao que parecia, as dobradiças haviam sido lubrificadas recentemente. Não demorou para encontrar a escada e notar que lhe faltava um degrau. O lugar tinha cheiro de bicho; não de cachorro ou gato, mas de algo bem mais asqueroso. Camundongos, talvez. Ou ratazanas enormes, daquelas bem magricelas e peludas, com dois dentões na frente. As ferramentas de jardinagem, tomadas pela ferrugem, estavam apoiadas na parede dos fundos, com suas pontas, dentes e lâminas virados para fora. Quinn imaginou as várias possibilidades de acidente naquela missão filantrópica semanal do menino: ser espetado por um ancinho ou mordido por um roedor pestilento (riscos nunca mencionados pela Tropa 23).

Mas o menino não tinha se machucado. Ele tinha, em suas palavras, sido “inspirado”.

Quinn localizou o alpiste num balde azul que ele reconheceu. No passado o tal balde havia abrigado os quase vinte litros de gesso usados para reformar a garagem de Belle – antes da separação final, antes que ela transformasse o seu espaço de ensaio em um depósito de solventes, pesticidas e pneus avulsos. No interior do balde havia uma pá enorme, brilhante e vermelho-cereja, alegre como o enfeite de um cenário natalino. Numa prateleira próxima, ele localizou mais nove pás, idênticas. O menino era um acumulador. Tinha o hábito de juntar as coisas mais esdrúxulas. Na véspera do enterro, Belle tinha aberto a porta do quarto do filho, instruindo Quinn a dar uma olhada, mas sem mexer em nada. Assim, ele contou. Ninhos de passarinho: dez; exemplares de *Meu melhor companheiro*: dez; lanternas: dez; cofres de porquinho: dez; manuais de escotismo: dez.

Também havia palitos de picolé, frutos de carvalho, carretéis minúsculos, do tipo encontrado em kits de costura, tudo organizado em meticulosas dezenas. Um computador, dez mouse pads. Uma mesa, dez potes de lápis. Segundo Belle, a necessidade de acumular era uma reação mais do que compreensível para quem tinha um pai ausente, um pai que não fazia mais do que gotejar visitas e carinho feito uma torneira quebrada. “Pense bem”, dissera ela certa vez. “Por que um garoto de 11 anos cria estoques das coisas de que precisa?”

“Porque ele tem algum problema” foi a resposta silenciosa de Quinn. Mas naquele dia solene eles observaram o quarto sem dizer uma palavra. Quando Belle saiu do cômodo, instantes antes de Quinn, ele surrupiou o diário do filho – um caderno básico preto de espiral –, escondendo-o dentro da jaqueta. Outros nove cadernos idênticos ficaram para trás, ainda embalados no plástico original.

Enquanto carregava o alpiste para fora, Quinn imaginou as boas ações que os outros escoteiros da Tropa 23 andariam fazendo naquele momento. Decerto também estavam fazendo caridade, mas para senhorinhas mais simpáticas, do tipo que tricota mantas. O mais provável era que o chefe escoteiro, Ted Ledbetter – um viúvo que dava aulas numa escola de ensino médio e dizia adorar as caminhadas ao ar livre –, tivesse empurrado a Srta. Vitkus para o garoto mais dócil do grupo, o menos reclamão.

A velha bateu no vidro da janela, sinalizando para que ele se apressasse.

Entre a casa e uma imensa bétula, a Srta. Vitkus tinha estendido uma corda de varal de quase 10 metros ornamentada com inúmeras garrafas de alpiste. Com 1,90 metro de altura, Quinn de fato não precisava de escada para alcançá-las, mas o menino sim, miúdo que era, magricela feito um elfo. Quinn também tinha sido pequeno aos 11 anos, mas espichara logo no ano seguinte, em um estirão repentino que o deixara cheio de dores e sem nenhuma roupa para vestir. Talvez o menino também viesse a ser alto. Um grande acumulador. Um grande contador de coisas misteriosas.

Quinn começou pela parte próxima à árvore. Bastou levantar a tampa da primeira garrafa para que os passarinhos se agitassem no alto, fazendo tremer folhas e galhos. Chapins, pensou. Todas as novidades aprendidas nas últimas duas semanas haviam saído do diário do filho, daquelas palavras tão bem desenhadas com a caligrafia cuidadosa de um velho. Seu filho, fruto do seu membro impotente, era um futuro Águia, grau mais alto do

escotismo norte-americano. Segundo o diário, o menino estava de olho em um distintivo pela identificação de pássaros.

A Srta. Vitkus levantou a janela.

– Estão pensando que você é o menino! – gritou, vendo os passarinhos que já rodeavam Quinn. – É a mesma jaqueta!

Quinn sentiu o ar fresco invadir seus pulmões, abrupto e impiedoso. A Srta. Vitkus continuou observando-o, com o suéter amontoado no seu peito murcho. Como ele não respondeu, ela fechou a janela com um gesto brusco.

Após alimentar os pássaros e aparar a grama do jardim, Quinn retornou à casa e encontrou a Srta. Vitkus à porta, esperando por ele. Não tinha cabelo, só umas madeixas brancas esparsas que a faziam parecer um dente-de-leão.

– Dou biscoitos quando ele termina.

– Não precisa, obrigado.

– É parte da obrigação – insistiu ela.

Então Quinn entrou na casa, sem tirar sua jaqueta. Afinal, como a Srta. Vitkus tinha apontado, era idêntica à que o filho usava: de couro preto com tachinhas prateadas, fazendo-o parecer um roqueiro e o menino um pequeno primata a espernear numa armadilha. Belle o enterrara com ela.

Ele esperava encontrar gatos e toalhinhas de crochê, mas a casa da Srta. Vitkus era bastante arejada e agradável. A bancada da cozinha, apesar da pilha de jornais velhos que atulhavam uma de suas pontas, reluzia imaculada. As torneiras da pia brilhavam. Era bem provável que a parte externa já houvesse conhecido dias melhores – reformada e com cortes precisos na grama, assim como as outras casas da rua –, mas a velha obviamente tinha perdido a habilidade de cuidar do lugar.

Sobre a mesa limpa viam-se dois pratos diferentes, um pacote de biscoitos em forma de bicho, um baralho e um horrendo par de óculos de leitura, desses que são vendidos nas farmácias. As cadeiras cheiravam ao limão dos lustre-móveis. Quinn podia ver quanto seu filho devia ter gostado daquele lugar.

– Ouvi dizer que a senhora tem 104 anos – arriscou ele, querendo puxar assunto.

– Cento e quatro anos e 133 dias – disse ela.

Começou a dividir os biscoitos entre os dois pratos, um de cada vez, como se estivesse distribuindo cartas de baralho. Aparentemente não serviria leite.

– Estou com 42 – contou Quinn. – O que equivale a 84 pra quem é músico.

– Você parece mais velho – devolveu ela, encarando-o com os olhos esverdeados, sempre muito brilhantes.

O menino havia escrito em seu diário, com a ortografia perfeita: “Com os poderes mágicos que possuí e com a vida EXTRAORDINÁRIA que teve, a Srta. Vitkus é EXTREMAMENTE inspiradora!!!” O diário não tinha mais do que trinta páginas, uma crônica cheia de listas entremeadas de descrições afobadas do mundo da Srta. Ona Vitkus, sua nova amiga.

– A senhora tem ajuda? – perguntou Quinn. – Além dos escoteiros?

– Minhas refeições são entregues em casa pelo pessoal da ONG – respondeu ela. – Preciso desmanchar as marmitas e cozinhar tudo de novo, mas acabo economizando uns trocados com os mantimentos que não preciso comprar.

Erguendo um biscoito em forma de dinossauro, disse:

– Isso é o que eles chamam de sobremesa.

Depois o examinou de cima a baixo antes de perguntar:

– Seu menino me disse que você é famoso. É verdade?

– Quem dera – riu Quinn.

– Que tipo de música você toca?

– Qualquer um, menos jazz. Jazz você precisa nascer sabendo.

– Toca Elvis?

– Claro.

– Música de caubói?

– Se me pedirem com carinho.

– Sempre gostei de Gene Autrey. Toca Perry Como?

– Toco Perry Como, toco Gene Autrey, toco Led Zeppelin... Toco até música de comercial de gato, desde que me paguem.

– Nunca ouvi falar de Ed Zeppelin, mas já vi um monte de comerciais de gato.

Ela piscou algumas vezes.

– Então você é... você é “pau pra toda obra”, como dizem por aí.

– Sou um diarista, digamos assim. Preciso trabalhar.

Ela o avaliou mais uma vez.

– Então deve ser muito talentoso.

– Dou pro gasto – disse Quinn, e ficou se perguntando o que o menino poderia ter contado à velha. Sentia-se como um inseto espetado no alfinete.

– Trabalho desde os 17 anos.

Para isso ela não encontrou o que dizer.

– Digo, como guitarrista. Tenho trabalhado sobretudo como guitarrista. De novo, nada. Quinn achou por bem mudar de assunto.

– Seu inglês é excelente – disse.

– E por que não seria? Faz cem anos que moro neste país. Fique sabendo que já fui até secretária de diretor de escola. Lá na Lester Academy. Conhece?

– Não.

– Nunca ouviu falar no Dr. Mason Valentine? Um homem brilhante.

– Estudei em escolas públicas.

A Srta. Vitkus remexeu no suéter, uma relíquia dos anos 1940 com grandes botões de vidro.

– Esses meninos nunca terminam o que começam. Seu filho e eu, nós tínhamos alguns assuntos pendentes – esbravejou.

– Bem... Acho que já vou indo – disse Quinn.

– Como quiser.

Ela agora tamborilava os dedos sobre o baralho, que parecia um pouco menor que o normal.

– Meu filho contou que a senhora sabe fazer uns truques – disse Quinn, não se contendo.

– De graça eu não faço nada.

– A senhora cobra dele?

– Dele, não. Ele é uma criança.

Ela colocou os óculos, grandes demais para seu rosto, e inspecionou as cartas.

O menino havia escrito: “A Srta. Vitkus é EXTREMAMENTE talentosa. Faz cartas e moedas DESAPARECEREM. Depois faz elas APARECEREM de novo!!! Também sorri muito bem.”

Era exatamente assim que ele falava na vida real.

– Quanto é? – perguntou Quinn.

Ela embaralhou as cartas, já menos azeda do que antes.

– Quanto lhe aprouver – disse, com o jeito malandro dos mágicos.

Quinn tinha tropeçado em todo tipo de trambiqueiro ao longo da vida e reconhecia naquela velha senhora uma profissional.

– Só um truquezinho está bom – disse ele, olhando as horas no relógio da cozinha.

– Você está com pressa. Hoje em dia todo mundo é apressado.

Ela agora sanfonava as cartas de uma mão para outra. Não era tão impactante quanto ela parecia pensar, mas impressionava o bastante.

– No verão de 1914, fugi de casa com o pessoal de um parque itinerante. Foi com eles que aprendi a arte da prestidigitação.

Ela arregalou os olhos como se a palavra em si produzisse magia.

– Voltei três meses depois e, dali em diante, tive a vida mais convencional que você pode imaginar – disse, com uma expressão intensa, porém ambígua. – Faça isso pra lembrar a mim mesma que um dia já fui jovem. – Corando, ela acrescentou: – Conte muitas histórias ao seu menino. Talvez até demais.

Sua apreensão em ir até ali parecia acertada – o menino estava em toda parte. Quinn nunca quisera ter filhos. Tinha sido um pai estranho, constantemente ausente; e agora, após a morte do seu menino, não se via tomado pela paralisia congelante do choque nem pela lucidez cristalina do luto, mas sentia o coração pesar com um emaranhado de ironias lúgubres e tristes.

A Srta. Vitkus abriu as cartas em leque e esperou. Tinha dentes compridos e quadrados, ainda bem brancos. Os dedos eram encaroçados, mas espantosamente ágeis. As unhas tinham um aspecto saudável, lisas e brilhantes.

– Cinco pratas – disse Quinn, já tirando a carteira do bolso.

– Você leu a minha mente.

Ela recebeu a nota e guardou-a dentro do suéter.

Quinn ficou esperando.

– Cadê o truque? – perguntou ele um pouco depois.

Debruçando-se sobre a mesa, ela recolheu as cartas.

– Cinco pratas é o preço do ingresso.

Ele agora podia ver o que estava em seus olhos: raiva.

– Mais cinco e você recebe o show.

– Isso é extorsão.

– Não nasci ontem – disse ela. – Da próxima vez, traga o menino.



Esta é a Srta. Ona Vitkus. Esta é a sua vida gravada em fita. Esta ainda é a Parte Um.

...

Mais 88 minutos? Nesse gravadorzinho mixuruca?

...

Se você está dizendo, eu acredito. Manda brasa.

...

Bem, primeiro vem o rádio. Essa foi realmente muito boa. Mas também tem a máquina de copiar. O velcro. O misturador elétrico de alimentos. Ah, e alguns aperfeiçoamentos maravilhosos nas roupas de baixo das senhoras. Difícil escolher uma coisa só.

...

Então vou escolher a máquina de lavar roupa. Definitivamente, a máquina de lavar roupa. Só não lembro o momento exato em que fiz a troca. Uma hora estou batendo minhas anáguas no tanque, na outra já tenho dois filhos adolescentes e uma lavadora novinha em folha. O momento entre um e outro fica meio embaçado.

...

Pronto. É só isso que eu tenho pra você.



Capítulo

2



Quinn deixou a casa da Srta. Vitkus com cinco dólares a menos e nenhum truque de mágica no bolso. Foi de ônibus para o bairro de North Deering, onde Belle morava, e encontrou a ex-mulher de ancinho na mão, limpando seu canteiro de tulipas do outro lado da cerca de varetas brancas e estacas sorridentes. Sempre vira a casa como um espaço de Belle (o que de fato era, legalmente falando), apesar dos cinco anos e meio não consecutivos em que havia morado ali. As janelas salientes faziam-no lembrar das séries de TV dos anos 1960, às quais o menino costumava assistir hipnotizado, uma atrás da outra, em um canal de TV recheado de pais e maridos exemplares, chefes de família que sempre estavam em casa e ancoravam o barco doméstico.

– E aí, como foi? – perguntou Belle.

Até sua voz tinha afinado, apagando os resquícios da melodia anterior.

– A mulher mora lá pelos lados de Westbrook – disse ele. – O quintal dela é uma bagunça.

– O compromisso dele era até meados de julho. Falei ao Ted que a gente cuidaria disso.

– Ela tem uns vinte comedouros de passarinho. Pendurados num varal alto demais. Não devia ser fácil pra ele.

Belle correu os olhos pela rua.

– Você está a pé?

– Eu vendi o Honda.

Quinn tirou um cheque do bolso e o entregou à ex-mulher. Desde o segundo divórcio deles vinha pagando a pensão religiosamente, sem pular um único mês.

Ela o fitou com um olhar duro.

– Já lhe disse, Quinn. Não tem mais... necessidade.

Quinn se perguntou, não pela primeira vez, se era possível uma pessoa literalmente morrer de tristeza. Belle estava usando uma camisa rosa de tal modo amarrotada que parecia ter sido afanada de uma lavanderia pública.

– Belle... Deixa.

Ela não deixou, pelo menos não de início. Mas Quinn manteve o cheque estendido à sua frente, seu sangue latejando nas têmporas, até sua intenção de vencê-la ficar evidente. Belle cedeu, pegando o cheque sem dizer uma palavra, e ele relaxou.

A casa dava a enganosa impressão de ter sido reformada. Flores tardias de primavera vicejavam por toda parte, as janelas cintilavam de tão limpas e uma coleção de objetos aguardava pacientemente pelo lixeiro.

– Fazendo faxina de novo? – perguntou Quinn.

– Só as coisas que não suporto mais...

O que ela quis dizer com isso permaneceu um mistério. Quinn examinou rapidamente as coisas rejeitadas: uma cadeira estofada, um liquidificador, uma luminária de mesa, uns pratos velhos. De repente algo chamou sua atenção: mais ou menos afastado do resto estava o amplificador que aos 13 anos ele havia ganhado de aniversário, o primeiro que tivera na vida.

– Aquilo não é o meu Marvel?

Ambos olharam para o aparelho como se estivessem examinando um animal morto. Tratava-se de um amplificador japonês daqueles bem vagabundos, embalado numa caixa de laca que por algum motivo ainda brilhava apesar das três décadas de poeira.

– É muito feio – comentou Belle. – E não funciona. Ninguém vai querer essa porcaria.

– Foi um presente da minha mãe – retrucou Quinn.

Sabia perfeitamente que o amplificador era uma porcaria (dois watts, caixa de seis polegadas, três botões de controle), mas era tudo o que havia sobrado da sua adolescência. Mais que isso, era a única relíquia da sua mãe. Aquele aparelho tinha um lugar importante na sua vida.

– Funciona, sim – contestou, agora na defensiva.

Adorava o amplificador e o que ele representava.

– Que tal você tirar suas tralhas da minha casa de uma vez por todas? Não tem mais nada que prenda você aqui.

– Belle – falou, magoado. – Não diga isso.

Tinha faltado às duas últimas visitas a que tinha direito como pai, e sabia que dificilmente seria perdoado. Certas coisas, quando examinadas à luz fria do retrospecto, são simplesmente imperdoáveis.

Correu os olhos ao redor. Por duas semanas os parentes de Belle a haviam cercado feito uma nuvem de marimbondos, comandados por Amy, sua irmã. Entre os marimbondos estava também Ted Ledbetter, mas isso era outra história. Naquele dia, no entanto, não havia ninguém em casa, nenhum carro estacionado na rua.

– Ted está aí?

– Não. Mas isso é da sua conta por quê?

– Desculpa. Cadê todo mundo?

– As tias já foram embora. Amy foi postar uns cartões de agradecimento no correio. Às vezes finjo precisar de um favor só pra ter uns cinco minutinhos de paz.

Belle apoiou o ancinho em uma árvore e deixou escapar um suspiro que o fez lembrar dos exercícios de respiração das grávidas. Quinn a seguiu para dentro de casa, onde ela pareceu surpresa em vê-lo.

– Você me arruma um copo d'água? – pediu ele.

Ela foi até a cozinha e lhe serviu um copo. A casa, embora ainda estivesse nos limites urbanos de Portland, era um clássico dos subúrbios de classe média. Gramado perfeitamente plano onde antes havia um terreno irregular. Balanços. Casa na árvore. Cachorros aos montes. Belle a recebera de herança dos pais sob a condição de que o nome de Quinn fosse excluído da papelada.

– Por acaso a velha chegou a falar dele?

– Não – respondeu Quinn. – Mas me passou a perna e embolsou cinco pratos.

– Eles tinham conversas deliciosas, segundo o que ele costumava dizer.

– Não sei como ele aguentava aquela mulher.

Sua intenção tinha sido amenizar o clima com um pouco de humor, mas nos últimos tempos as palavras haviam adquirido um peso próprio, explicitando o esforço que era fazer qualquer brincadeira.

– *Você* falou dele?

Quinn bebeu a água toda. Os biscoitos em formato de bicho o haviam deixado com sede.

– Com a velha?

– Claro! Com quem mais podia ser?

– Não, não falei – disse Quinn. – Não consegui.

O rancor imobilizava Belle feito uma capa de gelo, mas pouco a pouco esse gelo começou a derreter.

– Se ele suportava a velhinha – comentou ela afinal –, isso é mais uma prova de que ele tinha bom caráter. Afinal, a mulher tem mais de 100 anos.

– Pois é – disse Quinn. – Levei isso em consideração.

– Essa foi a única coisa que eu pedi pra você fazer. Ele tinha assumido um compromisso e levava isso a sério. Eu mesma poderia ter ido lá, mas... – disse Belle, pousando a mão no braço dele. Ela precisou escolher bem as palavras. – Isso é coisa de pai.

Quinn não disse nada. Dizer o quê? Saíra daquela casa quando o menino tinha 3 anos, e voltara quando ele estava com 8. Cinco anos deliberadamente subtraídos da sua frágil paternidade. Belle poderia ter jogado isso na cara dele ali mesmo, mas não o fez. Boston, Nova York e por fim Chicago, até o dia em que ele percebeu que estava levando a mesma vida de antes, só que mais sozinho. Depois, só lhe restara isto: uma longa e humilhante viagem de volta para casa. Até conseguira ganhar uma grana razoável, e esse era seu único orgulho, mas mesmo assim não seria nada fácil encarar os ex-colegas de banda, bem como o ex-chefe que ele tinha no emprego diurno, para dar aquela notícia mais do que previsível: não, ele não havia conseguido emplacar uma carreira de sucesso como guitarrista e, sim, ele tinha voltado para ficar.

– Em nenhum momento afirmei que não voltaria mais lá. Só estou dizendo que a velha não é aquela vovozinha de avental xadrez que você imagina.

– Estou morrendo de pena – ironizou Belle. – Que mais você tem pra fazer hoje?

– Um casamento às cinco.

– Você sempre tem um casamento às cinco. Sr. Requisitado. Até parece que não existe outro músico na cidade.

Essa era uma briga antiga e o fato de Belle tê-la desenterrado naquele momento fez com que Quinn se sentisse um pouco menos sozinho. Certa vez ela havia comparado esse seu hábito crônico de sair para fazer um show qualquer ao vício diário de um alcoólatra. Para Quinn, o alcoolismo era

uma analogia delicada. A verdade era esta: as ocasiões em que tocava sua guitarra eram as únicas, na sua vidinha besta e insignificante, em que ele se sentia apto a proferir exatamente o que outro ser humano precisava ou desejava.

Ele seguiu Belle até a sala mas não foi convidado a sentar. Quinn imediatamente percebeu algo errado e olhou em volta até descobrir o que era: Belle havia guardado seus livros. Era uma leitora voraz e sempre tinha quatro ou cinco volumes espalhados pela casa inteira, já um tanto desmantelados de tanto manuseio. Quantas noites eles não haviam passado juntos no sofá, ela recontando as histórias incríveis que andava lendo, ele rindo, implorando que ela não revelasse o final? Mas quando amava um livro, Belle simplesmente não resistia e entregava todo o ouro. Agora os livros estavam guardados por ordem de tamanho numa estante que parecia ter sido limpa muito recentemente.

– São só mais uns sábados – disse ela.

– Sete, na verdade.

– Tudo bem, sete. Mas isso consome o quê? Duas horas da sua ocupadíssima agenda.

– Sim, mas você está se esquecendo dos biscoitos envenenados que eu vou ter que comer.

Belle riu, um grunhido curto que assustou a ambos. Quinn tomou as mãos dela entre as suas: faltava pouco para que explodisse de compaixão pela ex-mulher. Não tinha fim, essa compaixão.

– Posso dar mais uma olhada no quarto dele? Só por um minuto?

Ele precisava devolver o diário antes que Belle desse pela falta do caderno preto. Era impossível que ela não soubesse da existência desse caderno, logo ela que acompanhava a vida do menino como se um dia fosse escrever sua biografia.

Ela retirou as mãos de entre as dele.

– Agora não.

Ela o estava punindo, aquela mulher guerreira e adorável, sua melhor amiga. Quinn merecia, mas a conhecia o bastante para saber que não teria fôlego para sustentar aquela fúria.

– Ainda tenho uns cartões pra escrever – disse ela. – Seu pai mandou um bilhete. E o Allan ligou lá de Hong Kong.

Ela fez uma pausa.

– Ele ainda não sabia que a gente estava separado. Provavelmente nem sabia do nosso primeiro divórcio.

– Você sabe como a gente é – observou Quinn, encolhendo os ombros.

Seu pai agora permanecia na Flórida o ano inteiro, e o irmão morava do outro lado do mundo. Eles raramente se falavam.

Eram dez da manhã. Ele tinha algumas horas livres.

– Você vai almoçar? – perguntou.

A pergunta pareceu pegar Belle de surpresa.

– Provavelmente – respondeu ela. – Acho que sim.

– Precisa de alguma coisa?

– Quinn... – disse ela com delicadeza. – Não há nada que você possa fazer por mim agora.

A constatação dessa verdade o calou feito um murro. Belle o acompanhou até a porta, depois até a calçada, como se houvesse um carro à espera dele.

– Agora sou outra pessoa – afirmou ela.

Se em algum momento de sua vida Quinn soubera o que fazer diante dessa informação, esse tempo tinha passado. Manteve os olhos fixos na ex-mulher até que ela balançou a cabeça para despachá-lo.

Ele pegou seu amplificador – que não pesava quase nada – e o carregou para fora de sua antiga vizinhança, percorrendo toda a extensão da Washington Avenue para depois contornar as águas da baía pelo Baxter Boulevard, atravessar a península pela rampa relativamente íngreme da State Street e finalmente chegar à Brackett Street, onde morava. Subiu os três andares escuros até seu apartamento e entrou na sala equipada por diversos aparatos musicais perfeitamente organizados, uns poucos móveis de segunda mão e um porta-retratos que exibia o menino em seu uniforme de escoteiro, com seus dentinhos curtos obedientemente à mostra: alguém o havia mandado sorrir, e ele havia feito o melhor que pudera.

PÁSSAROS

- 1.** O menor pássaro do mundo. Colibri-abelha.
5,58 centímetros e 1,58 grama.
- 2.** A ave terrestre mais rápida. Avestruz. 72
quilômetros por hora.
- 3.** O voo mais alto. Grifo-de-rüppell (da família dos
urubus). 12 mil metros.
- 4.** O pássaro mais falante. Prudie. Papagaio-do-
-congo. Oitocentas palavras.
- 5.** Maior quantidade de penas. Cisne-da-tundra.
25.216 penas.
- 6.** Menor quantidade de penas. Colibri-do-papo-rubi.
940 penas.
- 7.** O voo mais lento. Galinhola americana.
8 quilômetros por hora.
- 8.** O maior bico. Pelicano australiano. 47
centímetros.
- 9.** O pássaro mais simpático. Na minha opinião.
Chapim-da-cabeça-preta.
- 10.** O voo mais longo. Andorinha-do-mar. 26 mil
quilômetros.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br